

O papel formador da Filosofia

Roberto Goto

editor-gerente

Este número de *Filosofia e Educação* abre-se com uma nova seção: *formação filosófica*. Reservada à publicação de ensaios memorialísticos acerca de trajetórias educacionais – e, por pressuposto, existenciais – cumpridas em ambientes filosóficos e que, portanto, encontraram e tiveram na Filosofia um elemento ou um influxo decisivo, no sentido mesmo de uma formação, constitui-se e se oferece como espaço propício (e próprio, talvez) para o exercício e a exposição da memória e da reflexão que a acompanha, no balanço e na apreciação dos dados recolhidos, selecionados, ordenados e narrados pela primeira.

O texto inaugural é de autoria do professor José Luís Sanfelice, cujo percurso, abrangendo os últimos cinco decênios, compreende um movimento que vai da Filosofia à História, na condição de disciplinas acadêmicas, e é permeado – quando não condicionado e definido – pela Política, essa última em seu sentido mais prático e essencial de uma atividade e uma participação envolvidas e articuladas intimamente com a vida do(s) estudante(s), enredando assim o futuro docente, ou seja, o professor em formação. Nesse enredo – e/ou enredamento – cabe ressaltar o que a geração do autor vivenciou e experimentou como coisa talvez óbvia, mas que, se não se extinguiu, vem progressivamente empalidecendo: a conjunção,

também íntima e orgânica, entre (auto)educação e cultura, levando e trazendo consigo, para exprimir-se e expandir-se no meio social, a potência e o senso da participação política.

Na seção *artigos* a presente edição estampa textos que, tanto pelo conteúdo quanto pela abordagem, difundem-se por um espectro temático bastante amplo. No trabalho de sua autoria, Gildemarks Costa Silva adverte para a naturalização da instituição escolar na medida mesma em que se dá sua conversão em “tecnologia hegemônica do educativo na nossa sociedade”; questionando esse processo, espera “contribuir com a emergência de elementos teóricos que permitam problematizar a compreensão, por demais difundida no atual contexto, de que a escola é a solução de todos os problemas sociais, econômicos e políticos, sempre atrelada a certo discurso salvífico de uma tecnologia como fonte de redenção e felicidade”

Em *Educação e a fenomenologia da natureza*: o método de Goethe, Jonas Bach Junior apresenta a ainda pouco conhecida obra científica do poeta alemão, destrinchando seu método de conhecimento, que classifica como fenomenológico. Trilhando um caminho que não o da matematização, a pesquisa da natureza empreendida por Goethe adotou uma linguagem dialógica, evitando a dicotomia subjetividade *versus* objetividade e tomando como parâmetros as categorias de polaridade e intensificação. A compreensão dessa fenomenologia, segundo o articulista, implica a autoeducação do pesquisador, com vistas a uma reelaboração ativa de sua relação com a natureza.

Por sua vez, Priscila de Souza Chisté Leite, partindo da descrição que Aristóteles faz do fenômeno da catarse em sua *Poética*, esmiúça as interpretações que lhes deram Vigotski e Jauss, para então deter-se na conceituação de Lukács, que entende a catarse como “efeito que desencadeia o choque entre o mundo objetivo esteticamente refletido com a mera subjetividade cotidiana”. Desse ponto de vista, é de se considerar que efeitos catárticos podem ser produzidos também por obras sem valor artístico, “pseudoestéticas”, com mera função de entretenimento, decorrendo daí a importância do trabalho educativo que propicie ao indivíduo o contato com “a obra de arte em sua totalidade, vista como uma particularidade, em que o momento de catarse está atrelado ao conhecimento de todas as dimensões que a envolvem”.

Debruçando-se sobre a “crise da função social do passado, sua incapacidade de transmissibilidade das memórias e mecanismos sociais que permitem ou que permitiam que os velhos padrões de relacionamentos sociais fossem possíveis”, Davi da Costa Almeida a relaciona com “uma crise nos processos educacionais como processos sociais, os quais estão ligados aos processos da memória e seus significados”. Recorrendo aos “olhares críticos” de Hannah Arendt e Walter Benjamin, procura “entender como se deu tal crise e quais as possíveis mediações que podemos fazer a partir das suas conclusões e a nossa contemporaneidade desconexa, sem tradição e sem testamento do passado”. Observa que tal crise não pode ser ignorada

pelos processos educacionais, “pois sem a experiência humana e sua compreensão não existe a ação que possa ser mediada a partir da educação”.

Em *Apontamentos filosóficos para uma análise do esporte moderno: desdobramentos para a Educação Física*, Matheus Bernardo Silva analisa o esporte moderno como um fenômeno social, uma prática historicamente produzida que “tem como especificidade a institucionalização de elementos lúdicos da cultura corporal”. Contudo, no modo de produção capitalista, tal fenômeno, no lugar de beneficiar todos quantos contribuem para compô-lo, com suas “riquezas materiais e imateriais”, é expropriado de forma a adquirir “caráter alienador”.

Na seção *leituras*, Robson Gabioneta trata do livro da professora Lidia Maria Rodrigo, *Platão e o debate educativo na Grécia Clássica*, que expõe lições e comentários sobre as três *paideias* gregas: a poética, a sofística e a filosófica. Observa o autor da recensão que a originalidade da obra, à diferença de outras sobre o tema, está em demonstrar que, embora alveje as *paideias* anteriores com pesados ataques, a *paideia* platônica é “dependente dos projetos educacionais dos poetas e dos sofistas”.